

EA

ESCOLA ABERTA



Jornal da Escola Secundária/3 da Sé - Lamego

Número 4

Preço: 0,50 flores

Março 2006

Direcção: Biblioteca/Mediateca

Publicação Trimestral

Editorial

Viver é caminhar, e o sentido da caminhada é sempre para a frente, para o futuro. Um jornal serve, quase sempre, para fixar o tempo, registar aquilo que, num determinado período da história, parece relevante. Por isso, este número de *Escola Aberta*, ao dar conta de coisas que se têm passado na Escola, permite perceber sinais de mudança.

Já pouco nos lembramos (ainda bem!) do conturbado início do ano escolar. De então para cá, resmungámos a propósito de algumas coisas, resistimos, fomos dando passos. Se olharmos para o caminho percorrido, damos conta de que muita coisa está melhor: há salas de estudo que permitem rentabilizar o tempo e trabalhar com acompanhamento de professores; clubes que realizam trabalhos muito interessantes; música a animar as horas de recreio; uma Associação de Estudantes eleita e a trabalhar. Há mais silêncio nos corredores e espaços comuns da escola, a cantina está mais agradável e também por lá os comportamentos melhoraram, a biblioteca é muito e bem utilizada.

Pelas páginas deste número do jornal vão passar memórias da festa de Natal, das actividades de final de período e de Carnaval. Alegranos poder contar com a colaboração de pessoas que se interessam pela escola (alunos e professores, auxiliares de acção educativa, pais), com a reflexão da Dr.^a Filomena Viegas e, pela primeira vez, com o apoio de patrocinadores. Este é um sinal de que a escola não é um universo fechado entre muros.

Construir o futuro é tarefa de todos nós. Parece-me que temos aprendido que a construção só é possível quando empenhamos a nossa responsabilidade pessoal e nos dispomos a dar as mãos. Para irmos mais longe, sem deixar ninguém para trás.

Boa Páscoa!

Dr.^a Cristina Teixeira



Carnaval festejado na Escola

Página 5

Eleição da Associação de Estudantes



Página 2



Feliz Páscoa

SUMÁRIO

Desporto Escolar	3
Mas Afinal, Mudar o Quê?... ..	4
A História de Vanina e Guidobaldo	6
Wolfgang Amadeus Mozart	7
Processo de Haber-Bosch e a produção industrial de adubos	8
Boa/Má Escolha	9
Dr. Fernando Amaral na Escola Secundária/3 da Sé - Lamego	10
Biblioteca - Vivências Partilhadas	11

Nós, Por Cá

Eleições na Escola



No dia de 3 Janeiro de 2006, Lista A versus Lista B, eis que começa a campanha!

Cartazes por um lado, matraquilhos e playstation2 por outro, um rebuçadinho aqui, outro acolá, os típicos gritos de cada lista e os discursos característicos destas campanhas. Todo este trabalho foi reforçado com a ajuda da JP (Lista A) e da

JSD (Lista B).

Enfim, não se pouparam esforços, faltas às aulas, noites mal dormidas, tudo foi cuidado ao máximo pormenor e a campanha começava a ficar renhida. Ganhará a Lista A ou a Lista B? A pergunta permanecia no ar porque ambas poderiam vencer. Mas o mais importante foi o facto de ter havido sempre um espírito de fairplay entre as listas, exceptuando um ou outro desentendimento típico destas andanças.

E as 22h do dia 5 de Janeiro (dia de votações) nunca mais chegavam! Neste dia, não houve campanha, todos os cartazes foram retirados e o que restava fazer era esperar que todos votassem, o que aconteceu até às 22h, seguindo-se a contagem dos votos. E aquele frio no fundo da barriga começava a crescer! Depois de tudo contado: 261votos para uma e 245 votos para outra. Apenas por 16 votos...a vencedora foi...foi a lista...LISTA B!!!

Parabéns Pedro, parabéns Filipe, parabéns aos restantes membros da lista. Parabéns também a todos os membros da Lista A.

Porém, a Lista A não saiu vencida, nem a Lista B saiu vencedora. Realmente, quem venceu foram os alunos da Escola da Sé. Sim, foi por todos nós que este trabalho foi feito. É por nós e para nós que agora a Associação de Estudantes vai trabalhar.

Ganharam o nosso voto de confiança! Não nos desiludam! Agora é a vossa vez! Contamos convosco!!!

Associação de Estudantes

Das Palavras aos Actos



No dia 12 de Janeiro de 2006, pelas 12h30min, teve lugar no Auditório da Escola, a tomada de posse dos cargos da Associação de Estudantes, tendo estado presente o Dr. Amaral, a Dr. Leonor Costa, membros das listas A e B e alguns alunos.

Nesta reunião, foram lembradas algumas das competências da Associação de Estudantes e foram dados alguns conselhos para que o programa da Associação não se resuma apenas a campanhas e promessas. Procedeu-se à apresentação de todos os membros da Associação de Estudantes, tendo todos prometido trabalhar, de modo a honrar o seu cargo.

Como não houve possibilidade de todos os alunos da escola estarem presentes, fica aqui escrito, em nome de todos os membros da Associação de Estudantes, que prometemos defender sempre os nossos direitos sem, no entanto, nos esquecermos de cumprir os nossos deveres como estudantes. Vamos fazer de tudo para que na escola nos sintamos como numa segunda casa, na medida em que vão ser realizadas algumas palestras e debates educativos; a hora de almoço vai deixar de ser uma “seca” sem nada para fazer; a rádio escola vai ser implementada; vão ser organizadas festas, jogos e concursos. Estas são, entre outras, actividades que a seu tempo serão implementadas.

Tal como foi dito na tomada de posse, a equipa da Associação de Estudantes não vai trabalhar sozinha. É necessário um trabalho colectivo. Se há alguma coisa na escola que seja preciso mudar ou corrigir é obrigação de todos nós trabalhar nesse sentido. Todas as propostas e críticas construtivas são bem vindas.

Para terminar, uma palavrinha que define o nosso compromisso: “Quanto maior é o poder, maior é a responsabilidade”

Associação de Estudantes

Já Passou

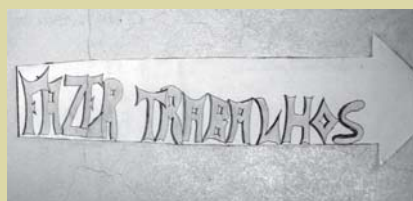
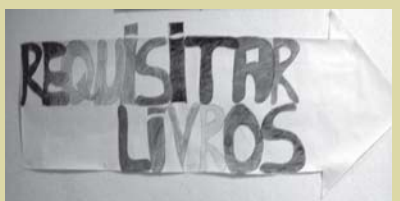
Quadros de Natal



Fim do 1.º Período



Cartazes na Biblioteca



Teatro - Certa Noite no Estábulo



Corta-Mato





Está a chegar ao fim mais um período lectivo e será pertinente falar sobre as actividades desportivas que se vão realizando na nossa escola.

Se no primeiro período enalteçemos a importância e o orgulho que cada aluno deve sentir ao vestir a camisola da sua Escola, é chegado o momento fazer um pequeno balanço das actividades desportivas que se vão realizando na nossa Escola.

Como é do conhecimento de todos, a Escola oferece aos seus alunos um leque de actividades variado, que passa pela dança, voleibol, basquetebol e ténis de mesa. Destas modalidades, apenas o voleibol e o basquetebol têm quadro competitivo, exigindo dos seus intervenientes um trabalho contínuo e regular, com vista à optimização das qualidades psicomotoras de cada um e à melhor interiorização das exigências tácticas que cada competição exige.

Chegados a meio da competição, é gratificante observar a evolução dos atletas, quer em termos técnicos, quer em termos de organização de jogo e intervenção no trabalho de equipa. Infelizmente, a reduzida participação de alunos prejudica os grupos/equipas, já que, segundo o regulamento do Desporto Escolar, há um número mínimo de jogadores que cada equipa deve ter durante a competição, e se, no decorrer dos treinos, eles aparecem, para a competição, nem sempre tem sido possível reunir todos os atletas.

Apesar de todas estas vicissitudes, os grupos/equipas do Desporto Escolar têm representado de forma brilhante a nossa escola, independentemente dos resultados que obtêm na competição. Esta será a parte menos importante, embora possa servir como forma de motivação com vista a um maior empenho e participação.

Das restantes iniciativas propostas pelo Grupo Disciplinar de Educação Física vamos dar-te contas a seguir.



TORNEIO DE BASQUETEBOL 3 X 3



Realizado no final do primeiro período, teve a participação de dezanove equipas dos vários anos de escolaridade. A competição foi dividida em três grupos diferentes, donde saíram vencedores as seguintes equipas: Terceiro Ciclo masculinos: Sem Nome, do 9.º B/C, constituída pelo Carlos Cabral, Fábio Diogo, Tiago Magalhães e Hélder. Secundário masculinos: Catraplim Pum, do 11.º B/D, constituída pelo José Carlos, Joel Magalhães, Rui Pinheiro e António Pina. A equipa feminina vencedora do torneio chama-se Med@sapo da Emanuela, da Marina e da Elisabete do 12.º B.

CLASSIFICAÇÕES DO CORTA MATO ESCOLAR

INFANTIS B FEMININO

1.º	Sara Costa	7.º C	24
2.º	Cláudia Santos	7.º C	24
3.º	Rute Oliveira	7.º C	23
4.º	Daniela Fonseca	7.º C	6

INFANTIS B MASCULINO

1.º	Bruno Alves	7.º C	1
2.º	João Adrega	7.º C	15
3.º	Silvio Bastos	7.º C	25
4.º	Célio Rocha	7.º C	3
5.º	José Araújo	7.º C	28
6.º	José Oliveira	7.º C	16

INICIADOS FEMININO

1.º	Catarina Silva	7.º C	2
-----	----------------	-------	---

INICIADOS MASCULINO

1.º	Ricardo Cardoso	9.º B	19
2.º	Fábio Cruz	7.º C	10
3.º	Ricardo Cardoso	9.º B	18
4.º	Tiago Oliveira	8.º D	21
5.º	Leonardo Pereira	7.º C	17
6.º	João Gonçalves	7.º C	14
7.º	Daniel Cruz	8.º E	6
8.º	Miguel Ribeiro	8.º C	20
9.º	João Silva	8.º C	15

JUVENIS FEMININOS

1.º	Celeste Gonçalves	7.º D	9
2.º	Patrícia Santos	10.º C	19
3.º	Catarina Maravilha	7.º A	4
4.º	Sandrina Guedes	7.º D	25

JUVENIS MASCULINO

1.º	Nelson Teixeira	11.º A	9
2.º	Márcio Faustino	10.º C	14
3.º	Paulo Monteiro	11.º C	10
4.º	Nuno Pereira	9.º A	17
5.º	José Ferreira	9.º A	12
6.º	Hélder Nascimento	7.º D	13
7.º	José Carlos	11.º D	10
8.º	Pedro Geraldo	11.º A	13
9.º	Cristiano Silva	9.º B	26
10.º	António Santos	10.º C	22

JUNIORES FEMININOS

1.º	Liliana Silva	9.º D	16
-----	---------------	-------	----

JUNIORES MASCULINOS

1.º	Serafim Bastos	9.º A	22
2.º	Mário Marcela	12.º B	10
3.º	Filipe Pinto	11.º D	6

Os alunos melhor classificados participaram no Corta Mato da Coordenação Pedagógica do Douro Sul, onde, apesar de terem trazido uma medalha, tiveram uma óptima prestação. O Nelson Teixeira ao ganhar a prova de Juvenis, ficou apurado directamente para o Corta Mato Nacional, a realizar na Sertã no final do mês de Abril, juntamente com o colega Márcio Faustino, do 10.º C pela boa classificação obtida.

OUTRAS ACTIVIDADES

O Ténis de Mesa também começa a ser implementado e a participação tem sido razoável, apesar da falta de meios técnicos. Uma vez por semana, sob a orientação do Professor Paulo Monteiro os alunos podem aprender a jogar e aproveitar para se divertirem e conviverem com os colegas.

Para o final deste período, não te esqueças de arranjar uma equipa e participar no Torneio de Voleibol 4 X 4.

E já agora, se te classificaste nos três primeiros lugares do corta mato escolar ou no primeiro lugar no torneio de Basquetebol 3 X 3, não te esqueças de comparecer no Ginásio para receber o teu prémio.

Prof. Jorge Reis



**Livraria
TECLIBER**
Servimos a Cultura

O Teu Sucesso Escolar Depende de ti.

Desconto de 10% em testes de acesso ao ensino superior e outros exercícios

DISTRIBUIDORA OFICIAL EDITORIAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

R. do Columela, 9-11
Apartado 191
5100-131 LAMEGO

Telf. 254 611 220/1
Fax 254 611 222
livrariatecliber@mail.pt

Dizer ... Criar

MAS AFINAL, MUDAR O QUÊ?...



“Numa perspectiva realmente progressista, democrática e não autoritária, não se muda a «cara» da escola por portaria. Não se decreta que, de hoje em diante, a escola será competente, séria e alegre. Não se democratiza a escola autoritariamente”.

(Paulo Freire, “A Educação na Cidade”)

Paulo Freire traduziu, nestas poucas palavras, uma das mais sentidas e proferidas ideias de todos os tempos: a mudança começa por nós. Hoje encontramos-nos numa das muitas e difíceis fases pelas quais o ser humano tem passado ao longo da História: a urgência em mudar, a falta de motivação para o fazer. Ouvimos, todos os dias, nos diferentes momentos de comunicação interpessoal e de massas, o seguinte desabafo: *Como iremos superar esta crise? Esta crise é mundial; onde iremos parar? Já Camilo de Oliveira e Ivone Silva cantavam: Isto é que vai uma crise!...*

A palavra crise, em grego *krisis*, significa escolha, decisão, julgamento. Fullat esclarece que a crise se manifesta numa situação cuja saída envolve grande dificuldade de discernimento para quem se encontra perdido: (...) *es aquella situación en la que algo aparece eterno problema intelectual porque la razón confiesa sin desmayo su incapacidad. Así las cosas, solo resta él tener que decidir* (1998: 175).

As crises correm, de uma maneira geral, dentro de um mesmo sistema, provocando um “mal-estar” que se desenha num horizonte de contradições e na emergência de tensões. Neste contexto, a crise da escola de massas - onde todos têm igualdade de oportunidades no acesso ao ensino mas não no sucesso escolar - revela-se como a incapacidade para resolver a desigualdade social e cultural.

O papel da escola tem sido alvo de críticas por parte dos diferentes grupos sociais desencadeando, no seu interior, uma situação de insegurança, frequentemente geradora de resistências e de atitudes de fobia dos agentes educativos em relação aos parceiros de profissão. Desta forma, torna-se dificultado o trabalho de cooperação sem o qual qualquer objectivo de acolhimento à diversidade e de combate à competitividade tenderá a fracassar.

O professor encontra-se sob uma significativa pressão para dar resposta às necessidades da nova era mas, para que ele se comprometa na mudança e participe na sua definição, impõe-se que lhe atribua um sentido e que esteja motivado para o fazer. O actual discurso pedagógico de inovação - professor reflexivo, escola inclusiva, organização e gestão escolar interaccionista - necessita de ser acompanhado de medidas efectivas que não fiquem apenas ao nível das intenções mas que concretizem os objectivos a que se propõe. Para isso a mudança tem de ocorrer a dois níveis indispensáveis: individual e colectivo.

Está posta de parte, pelo menos a médio prazo, a ideia de que se possam criar, sem esforço suplementar, individual e colectivo, condições consideradas favoráveis e sentidas como satisfatórias, para que os professores atinjam o seu próprio dispositivo de enquadramento face ao que lhe é pedido, à autoridade que têm, ao reconhecimento do esforço e empenho desenvolvidos e à confiança no seu próprio valor.

A auto-regulação necessária, que se pretende vir a culminar na harmoniosa interacção da consciência com situações geradoras de conflito, só será possível através de uma relação interpessoal fortemente solidária. Ela exige a constatação da nossa pertença a uma comunidade mais abrangente de seres pensantes e a presença de outros seres humanos - o ser humano só pode ser educado por seres humanos. Sabe-se, contudo, que à educação subjaz o risco e a incerteza, uma vez que só se pode aperfeiçoar o que é possível no horizonte do que é desejável.

Não raras vezes sentimos o vazio e a solidão quando não conseguimos alcançar o que pensávamos ser possível. Frequentemente nos assumimos frustrados pela vivência, real e não apenas imaginária, da nossa impotência na acção educativa. A finalidade da educação significa um objectivo que, uma vez alcançado, jamais estará consumado; a consciência do inacabamento do ser enquanto pessoa torna impossível captá-lo na sua totalidade e, como tal, considerá-lo “um ser completamente educado”.

É diante destas exigências, insatisfações e incessante busca do quê e para quê, que as nossas fraquezas, carências, desejo de admiração e respeito, experiência de cumplicidade - que desperta a vontade de elaborar projectos, de sentir o impulso de atirar-se para a frente, de arrojá-lo - se fazem presentes. Todavia, só através da ligação pacífica e, de certo modo amiga, entre os diferentes agentes do processo educativo, será possível construir um ambiente de efectiva acção educacional. A profissão docente é uma profissão de afectos, diz José Alves. Se não cuidarmos dos nossos afectos não estaremos aptos a sermos verdadeiros educadores.

Esta não é uma tarefa simples e linear; por isso mesmo não podemos ceder à tentação de, a todo o momento, nos sentirmos questionados na nossa competência, alvos de acusações que, não sendo reais, se convertem imediatamente num monstro a abater, a todo o custo e a qualquer preço. As sinergias são desviadas para lutas pessoais, contra moinhos de vento que ameaçam a nossa sobrevivência pessoal e

profissional, avolumando a ideia de perseguições imaginárias, apenas geradoras de tensões, que precisam ser enfrentadas para que se promova o desenvolvimento humano sustentável.

Que poderá acontecer, em nós e no meio envolvente, se olharmos, alguns minutos por dia, para a nossa escola, como um desafio de afectividade assente em valores de boa-fé, inteligência, amizade e confiança? E se experimentássemos acolher o outro que chega, sem a dureza corporal característica do guarda-redes, sempre à defesa da “bola” que há-de desviar, mesmo que, à ameaça de um ataque, ela esteja para entrar na baliza adversária? Por que não, um dia por semana, pensar que o colega que me fala em partilhar ideias, sentimentos ou material, quer apenas iniciar uma relação menos tensa e não “tirar-me” o que até nem é meu, mas da comunidade?

Se conseguiram ler este artigo até ao fim, mesmo que eu não o saiba, estarei compensada. Este artigo reúne um conjunto de ideias, lançadas para o papel numa tarde de chuva, que nada mais pretende do que servir de reflexão, tema de conversa aberta sobre a utilidade ou não de se falar sobre o assunto ou, tão simplesmente, ser ignorado por nada trazer de novo e não se adequar às preocupações sentidas. Não são “indirectas”, não visam focar pessoas concretas nem, tão-pouco, ferir sensibilidades.

Reconheço-me em tudo que escrevi e apenas me atrevi a pensar alto sobre este tema porque encontrei a frase de Paulo Freire que se encontra no início desta reflexão. Esse Paulo Freire cujas ideias admiro, mais do que pela coerência e fluência de comunicação oral e escrita, pela sua simplicidade. Com ele aprendi que a acção serena em relação à nossa vocação de educadores emerge da paz interior que não nos pode ser dada; apenas pode ser conquistada, com o desenvolvimento de muita “cultura de esforço” e MUITA simplicidade...

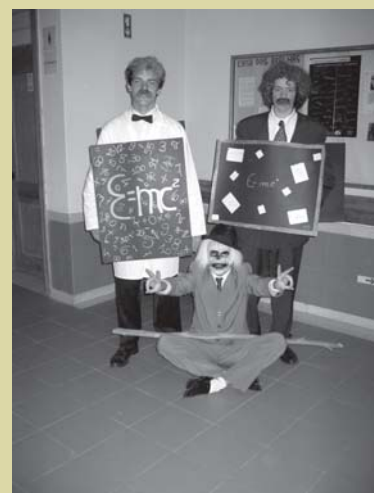
Digo eu, “vá”!...

Dr.ª Armanda Nascimento



Dizer ... Criar

VIVER O CARNAVAL



A escola voltou a vibrar de alegria, movimento e música na comemoração que, no presente ano lectivo, dedicamos ao Carnaval. Este evento que raramente se celebrava na nossa escola, resultou da dinâmica que diversas turmas dos ensinos básico/secundário, lhe dedicaram, inscrevendo-se em temas que abordavam várias épocas da História da Humanidade.

O átrio estava decorado a rigor para a ocasião, as máscaras eram variadas e de todas as cores, as serpentinas pendiam pelas paredes, a música ecoava por todo o edifício, enquanto que nos varandins dos diferentes pisos se aglomerava animada assistência formada por alunos, professores e auxiliares da acção educativa, que não quiseram perder pitada do desfile carnavalesco.

A música foi contagiante e os intervenientes no desfile assumiram integralmente os seus papéis, para goáudio da assistência. A actividade mereceu o aplauso geral, o que nos permite concluir, em função da alegria vivida, da pesquisa e selecção do guarda-roupa, da recolha dos temas musicais e do carácter pedagógico dos temas seleccionados, que esta actividade deverá incluir-se futuramente nas iniciativas culturais/lúdicas da nossa escola.

Bem haja a todos os que se empenharam e participaram.

Um elemento da organização

O POETA SOU EU

*Se o meu leitor quer viver
E de boa saúde gozar,
Aceite o meu conselho:
Nunca deve fumar.*

*O tabaco não anima ninguém
Nem serve de distracção,
Ele é o maior causador
Do cancro do pulmão.*

*Não experimente fumar
Mesmo por brincadeira;
Pode apanhar o vício
Que o vai afectar a vida inteira.*

*Hoje fuma cigarros,
Amanhã fuma charutos
Depois de amanhã fuma charros
E para toda a vida ficam drogados.*

*O tabaco é um veneno
Que mata lentamente.
Deixe de fumar, por favor!
Este apelo é urgente.*

*Nunca deve fumar
Sozinho ou acompanhado
Para não se contaminar a si
Nem ao seu amigo do lado.*

*Não faça culturas de tabaco,
Para não matar ninguém;
Semeie coisas de comer
Para matar a fome a alguém.*

*São estes os meus conselhos
Para todos os leitores,
Pedindo a todos vocês:
Deixem de ser fumadores.*

André Fernandes
9ºD - n.º 4



Auxiliares de Accao Educativa

Como se torna visível na escola a Acção Educativa dos Funcionários

Como auxiliares da acção educativa, temos uma grande visibilidade na escola devido à grande proximidade que se estabelece com os alunos. Esta envolvimento que é maior em relação aos discentes do que a alguns professores, faz com que alguns vejam em nós um “ombro amigo”, o que é importante, na medida em que podemos detectar a origem de alguns problemas e procurar ajuda para a sua resolução.

Por outro lado, o contacto directo e diário com os mesmos permite -nos corrigir determinados comportamentos, posturas e vocabulário que nem sempre são os mais correctos. Neste sentido, a nossa acção, além de visível, torna-se essencial, pois nem só o que “está nos livros” é o mais importante. Torna-se imprescindível ajudar os alunos na sua formação para a cidadania, aconselhando-os a corrigir atitudes, como por exemplo, ser mais educados, falar baixo e não circular apressadamente nos corredores durante o funcionamento das aulas, dar os bons dias, não fumar, não dizer palavras feias, respeitar os superiores e os colegas, não deitar papéis ao chão, entre outros.

Alguns alunos manifestam comportamentos incorrectos, provavelmente provocados por problemas familiares que mostram não haver ambiente nem regras de boa educação. Esta já não é a mesma nos dias de hoje, até porque os alunos já não acatam as nossas sugestões como acontecia ainda há bem pouco tempo.

Assim, torna-se fundamental o nosso trabalho pois, para além de “empregados”, somos também importantes auxiliares na educação dos alunos, noção que tentamos transmitir-lhes, especialmente aos que não nos tratam com o respeito que nos é devido e não reconhecem o nosso valor, pensando que, como estamos na escola por sua causa, devemos ser seus empregados, olhando-nos com um ar de superioridade.

Nem todas as pessoas têm vocação para serem Auxiliares de Educação, e quem a não tem nunca consegue desempenhar verdadeiramente esta função. É necessário ter um bom feitio para lidar com os estudantes, é preciso gostar do que se faz, gostar dos alunos porque estamos aqui por eles. Porém, é preciso estar atento a tudo, porque o mínimo pormenor pode significar muita coisa. Assim, é um trabalho que exige muito das pessoas, sendo cansativo e cada vez mais visível.

D. Isabel Martins
D. Remédios Seabra
Sr. Raul Gomes
D. Anabela Ferreira
D. Cidália Rua
D. Helena Gonçalves

Toxicodependência

Argumentos a favor

Em nossa opinião, o uso opcional de determinadas substâncias reduz as consequências nefastas de um consumo excessivo e compulsivo.

Para além deste aspecto, devemos considerar outro importante: as drogas fazem parte integrante da nossa civilização desde meados do séc. XIX. Por exemplo, o efeito de bem-estar físico e psicológico provocado pelo haxixe é há muito tempo reconhecido.

Algumas substâncias desencadeiam uma sensação de alívio. Outras constituem analgésicos eficazes em doenças terminais. Damos o exemplo da tuberculose, em que a heroína alivia a dor e a tosse. A mesma foi ainda utilizada no tratamento de dependentes da morfina e do álcool. A cannabis entra na composição de medicamentos usados no tratamento de doenças cancerígenas, assim como alguns dos derivados do ópio.

Outros efeitos originados por algumas substâncias são: a desinibição, o prazer, a alegria e, mesmo, a euforia. A cocaína constitui, até, um estimulante do sistema nervoso central, permitindo realizar actividades a um ritmo acelerado. Em pastilhas, cria somente dependência psicológica. Também as anfetaminas activam o sistema nervoso central.

Os efeitos do consumo de drogas serão sempre desastrosos? Esta pergunta já teve anteriormente a sua resposta. No entanto, acrescentamos que há muitos consumidores de heroína integrados social e profissionalmente, não apresentando quaisquer sinais do seu consumo.

Outro aspecto a ter em conta é de cariz social e económico: o cultivo das plantas a partir das quais são obtidas determinadas drogas proporciona a muita gente pobre a possibilidade de sustentar as suas famílias, não raro numerosas. De outro modo, todas estas pessoas morreriam à fome.

Por todas as razões acima apontadas, citamos Bob Marley: "Pode enganar-se algumas pessoas durante algum tempo, mas não pode enganar-se todas as pessoas durante o tempo todo."

Esperamos ter contribuído para a formação de uma "nova" opinião verdadeiramente objectiva, acima de tudo não preconceituosa, acerca do consumo de drogas.



Escola Secundária/3 da Sé - Lamego
Turma do 9.º C

Argumentos contra

Pensamos que é impossível alguém manter por muito tempo um consumo moderado e opcional de drogas. Ainda que não queira, o indivíduo acaba por cair num uso excessivo (abuso) e compulsivo.

Assim, prejudica-se a si e aos outros, ao nível da saúde física, mental e psicológica. Destacamos vários aspectos concretos: ritmo cardíaco acelerado, depressão, doenças respiratórias, SIDA, hepatites, disfunção erétil, diminuição da capacidade de atenção / concentração e do tempo de reacção a diferentes situações e atrofiamento do desenvolvimento físico e psicológico.

Para além destes efeitos nocivos, as drogas criam ou facilitam o aparecimento de problemas graves de integração social e familiar. Reflectamos um pouco acerca do crime. Este é, sem dúvida, uma das consequências mais frequentes e mais graves da toxicodependência. Assaltos, homicídios, furtos, roubos, prostituição e tráfico de drogas são alguns exemplos, infelizmente cada vez mais frequentes. A este propósito, chamamos a atenção para um texto escrito por um colega nosso, aluno do Ensino Recorrente no Estabelecimento Prisional Regional de Lamego. Constitui a ilustração de muitos aspectos por nós focados. Por isso, aconselhamos a sua leitura atenta. Consta deste jornal e tem como título "Boa/Má Escolha".

É necessário muito cuidado com o abuso do álcool, do tabaco e de outras substâncias consumidas em festas, saídas colectivas e outro género de encontros. Para provarem que são homens e mulheres adultos, os adolescentes abrem a porta a comportamentos de risco que terão consequências terríveis. Não aceitemos determinadas ideias feitas sem reflectirmos de forma crítica.

Deste modo, o melhor é prevenir. Educar, informar e reflectir, dando a cada um a oportunidade de fazer uma escolha livre e consciente, faz com que muitos riscos sejam evitados. Há várias organizações que se dedicam a actividades recreativas e desportivas, mantendo os mais jovens ocupados, para os desviar da toxicodependência.

Outra vertente a não esquecer é o tratamento. Citamos as Comissões para a Dissuasão da Toxicodependência (CDT's). Estas encaminham os toxicodependentes que praticaram crimes para o tratamento em Centros de Saúde e apoio em serviços especializados, evitando, na medida do possível, que os indivíduos fiquem com cadastro.

Parece-nos fundamental não esquecer a distinção essencial entre consumo e toxicodependência: o primeiro remete para o uso; o segundo aponta para o abuso, pelo que constitui uma doença provocada pelo consumo vicioso de uma determinada substância, normalmente chamada droga. Já demonstrámos que a fronteira entre um e a outra é esbatida. Dai insistirmos no seguinte: ninguém comece a consumir, pensando que nunca será toxicodependente. Cuidado! Não nos enganemos nem nos deixemos enganar!

há-de casar com mais ninguém. Sai depressa de Veneza, tens um dia para o fazeres. Se amanhã, ao pôr-do-sol ainda não tiveres partido, eu mandarei sete homens com sete punhais para te matarem.

Guidobaldo ouviu, sorriu, fez uma reverência e saiu.

Nessa noite silenciosa, a sua gôndola parou junto da varanda da casa de Orso. De cima, atiraram um cesto preso por uma fita e, dentro dele, o jovem capitão colocou uma escada de seda. O cesto foi puxado para a varanda e a escada, depois de desenrolada, foi atada à balastrada de mármore cor-de-rosa.

Ágil e leve, Vanina desceu com os cabelos soltos flutuando na brisa. Guidobaldo cobriu-a com a sua capa escura e a gôndola afastou-se, sumindo-se no nevoeiro de Outubro.

Na manhã seguinte, as aias descobriram a ausência de Vanina e correram a avisar o tutor.

Jacob Orso chamou Arrigo. Com ele e seus esbirros, dirigiram-se para o cais.

Quando ali chegaram, o navio de Guidobaldo já tinha desaparecido.

- Conta-me o que sabes! - ordenou Orso a um velho marinheiro seu conhecido.

O homem contou:

- O capitão e a tua pupila chegaram aqui a meio da noite. Mandaram chamar um padre que os casou, além, naquela capela dos marinheiros. Mal terminou o casamento, embarcaram. E, ao nascer do dia, o navio levantou âncora, içou as velas e navegou para o largo.

Jacob Orso olhou para a distância. O navio já não se avistava, pois a brisa soprava da terra. As águas estavam verdes, claras, ligeiramente ondulantes, cobertas de manchas cor de prata. O tutor e Arrigo queixaram-se à Senhoria de Veneza e ao Dodge. Depois mandaram quatro navios à procura dos fugitivos: um que navegou para Norte, outro que navegou para o Oriente, outro que navegou para Sul, outro que navegou para Ocidente. Como o mar é imenso e há muitos portos, muitas baías, muitas cidades marítimas, muitas ilhas, Vanina e Guidobaldo nunca mais foram encontrados.

Roberto Santos 9.º ano Turma B

O Poeta sou eu.....

POETA

O Poeta é,

Como muitas pessoas,
uma pessoa que faz banzé

E que põe no mesmo pé
Coisas más e coisas boas...

E como põe energia
Quando diz tudo e não diz nada
Faz parte da academia
Da ilustre gargalhada!

E nos discursos que faz,
Há uma tal confusão,
Que ninguém é capaz
De saber quem tem razão.

Porque o Poeta é,
Como muitas pessoas,
uma pessoa que faz banzé
E que põe no mesmo pé
Coisas más e coisas boas...

Ana Oliveira 9º Ano Turma D

A História de Vanina e Guidobaldo



Num belo edifício com finas colunas esculpidas, vivia Jacob Orso com os seus criados. Mas antes, também ali morou Vanina, a rapariga mais bela de Veneza. Era órfã de pai e mãe e Orso era o seu tutor.

Quando ela era ainda criança, o tutor prometeu-a em casamento a um seu parente chamado Arrigo.

Contudo, quando Vanina chegou aos dezoito anos, não quis casar com Arrigo porque o achava velho, feio e maçador.

Então, Orso fechou-a em casa e só saía ao Domingo, para ir à missa. Durante os dias da semana, Vanina, prisioneira, suspirava e bordava no interior do palácio, sempre rodeada e espiada pelas suas aias.

A noite, Orso e as aias adormeciam. Vanina abria a janela do quarto, debruçava-se na varanda e penteava os seus cabelos loiros e tão compridos que passavam além da balastrada e flutuavam leves e brilhantes, enquanto as águas os reflectiam. Eram tão perfumados que de longe se sentia na brisa o seu aroma.

Os jovens de Veneza vinham de noite ver Vanina pentear-se, mas nenhum ousava aproximar-se dela, pois o tutor fizera saber à cidade inteira que mandaria apunhar pelos seus esbirros aquele que ousasse namorá-la.

Vanina, jovem, bela e sem amor, suspirava naquele palácio.

Um dia, chegou a Veneza um homem que não temia Jacob Orso. Chamava-se Guidobaldo e era capitão dum navio. O seu cabelo preto era azulado como a asa dum corvo, e a sua pele estava queimada pelo sol e pelo sal. Nunca no Rialto passeara tão belo navegador.

Ora, certa noite, Guidobaldo passou de gôndola por este canal. Sentiu no ar um maravilhoso perfume, levantou a cabeça e viu Vanina a pentear os cabelos. Aproximou o barco da varanda e disse:

- Para cabelos tão belos e tão perfumados era preciso um pente de ouro.

Vanina sorriu e atirou-lhe o seu pente de marfim.

Na noite seguinte, à mesma hora, o jovem capitão tornou a deslizar de gôndola ao longo do canal.

Vanina sacudiu os cabelos e disse-lhe:

- Hoje não me posso pentear porque não tenho pente.
- Tens este que eu te trago e que, mesmo feito de ouro, brilha menos do que o teu cabelo.

Vanina atirou-lhe, atado com uma fita, um cesto onde Guidobaldo depôs o seu presente.

Dai em diante, a rapariga mais bela de Veneza passou a ter um namorado.

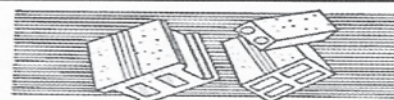
Quando esta notícia se espalhou na cidade, os amigos do capitão foram preveni-lo de que estava a arriscar a sua vida, pois Orso não lhe perdoaria a traição. Porém, destemido, sacudiu os ombros e riu.

Ao fim dum mês, foi bater à porta do tutor da sua amada.

- Que queres tu?
- perguntou o velho.

- Quero a mão de Vanina.

- Vanina está noiva de Arrigo e não



Lúcio Fernandes & Filhos, L.da

Armazém de Materiais de Construção

Telf. 254 656 219 — Fax 254 655 841

Largo do Espírito Santo

5100 LAMEGO

Wolfgang Amadeus Mozart



Passados 250 anos do nascimento de Wolfgang Amadeus Mozart, a 27 de Janeiro de 1756, em Salzburgo, ainda não foi esquecido o grande revolucionário da música clássica.

Talvez influenciado pela família, há muito integrada no mundo da música (o pai foi violinista, compositor e professor na corte do Arcebispo de Salzburgo), Mozart apaixonou-se pela música.

Desde muito cedo mostrou-se um grande génio, começando a tocar piano aos 3 anos e a compor peças aos 5.

Para aprofundarmos o conhecimento da sua vida, fizemos-lhe uma entrevista.

Escola Aberta: - Confirma o facto de aos 5 anos tocar piano de olhos fechados?

- Sim, de facto, aos 5 anos, tocava de olhos fechados, bastando-me meia hora para dominar composições de outros e as minhas. Sou considerado um meninoprodígio.

EA - Como é que aprendeu a tocar piano, desta forma tão extraordinária?

- Ouvia, e esperava pelo fim das aulas de cravo que o meu pai começara a dar a Nannerl e, depois, com pouco mais de 3 anos, sentava-me ao teclado, para me deliciar com os acordes que dele ia extraindo. Quando não estava ao teclado, o meu espírito permanecia lá.

EA - É verdade que a sua família estava ligada ao mundo da música?

- Sim, o meu pai era violinista, professor, compositor e vice "kappelmeister" na corte

do Arcebispo de Salzburgo, sendo também a minha irmã uma intérprete exímia.

EA - Aos 25 anos mudou de cidade. Qual foi o motivo para esta mudança radical?

- À semelhança de meu pai, também exerci cargos na corte. Depois de uma amarga disputa com o Arcebispo, mudei-me para Viena, onde passei a viver de aulas, encomendas e subscrições.

Tornei-me, assim, num músico independente, mas continuei à procura de um outro lugar na corte, que me assegurasse um rendimento fixo.

EA - Qual o motivo que levou o seu pai a querer dar a conhecer o seu dom?

- O meu pai, Leopold, justificava-se, dizendo que era sua obrigação dar a conhecer os dons que Deus dera aos seus filhos.

EA - Decerto que, sendo um génio, fazia muitas viagens. Descreva-nos o que fazia nas carruagens quando tinha que se deslocar de uma cidade para a outra.

No início, como não tinha nada para fazer, pegava num papel e numa pena e descrevia os lugares por onde tinha passado. Escrevia por puro gozo, nada de muito interessante. Mas, com o passar dos tempos, as viagens tornavam-se cada vez mais frequentes e a escrita transformou-se quase num vício. Descrevia tudo o que via: os locais e o que lá se passava. Era, também, frequente criticar os nobres com quem me cruzava.

EA - Pode descrever-nos como criava obras tão extensas e tão perfeitas?

Bem, a música surgia-me por inteiro. Quando me sentia bem disposto, as ideias acorriam-me à cabeça, não sabendo como ou donde apareciam. Guardava-as bem na minha memória e, uma após outra, iam formando um todo, segundo as regras do contraponto, da harmonia, dos instrumentos, etc. Então, quando me encontrava em profundo sossego, sentia a obra com uma clareza, que, mesmo sendo extensa, se completava na minha cabeça e podia abrangê-la de um só relance.

EA - As suas peças demoravam muito a ser completadas?

O processo de fazer as minhas peças não eram muito demorados, duravam poucas horas. Posso dar-lhe um exemplo muito concreto: escrevi a ópera "Don Giovanni" na véspera da estreia, em Praga.

EA - Gostáramos de agradecer ter respondido às nossas perguntas.

Entrevista conduzida pelos alunos:

Amílcar Rafael Sousa Guedes nº 2 10ºD
Carina Pinto nº3 10ºD
Lidia Quintela nº12 10ºD
Liliana Monteiro nº13 10ºD



Confronto entre passado e presente

No dia 13 de Janeiro de 2006, fui convidado pela Srª Drª Cristina Parente, Directora de Turma do 9.º B, a participar na sua aula de Formação Cívica. O objectivo era elucidar os jovens a viver melhor o seu presente e projectá-los, eventualmente, para um futuro melhor.

Também fazer-lhes ver a diferença entre o passado e o presente escolar.

Ao entrar na sala de aula, notei uma grande diferença no à vontade dos alunos perante os seus professores, no caso particular da sua Directora de Turma.

Actualmente, eu penso que os professores colocam-se o mais possível em abertura e diálogo com os alunos, enquanto há trinta e quatro anos nós colocávamos o Sr. Professor num grau de superioridade muito elevado, devido ao seu nome, poder e disciplina.

No meu tempo escolar, tínhamos os nossos professores, talvez porque os nossos pais nos incutiam, em relação aos dias de hoje, mais obediência e civismo por quem nos ensinava. Hoje, isso já não se verifica na maior parte das relações entre alunos e professores.

Os pais, por vezes são muito permissivos e ao mesmo tempo não se importam se os seus filhos são ou não respeitadores de regras e atitudes (Educação e Civismos).

Algumas perguntas feitas pelos alunos

Perguntaram-me o que é preciso para ter sucesso na vida.

Eu respondi:

- É preciso, acima de tudo, humildade, honestidade e ser comunicativo (ter uma disponibilidade e Formação Cívica).

Também perguntaram o que eu faria se a minha filha quisesse seguir uma carreira desportiva (Ciclismo).

Eu respondi:

- Que não via inconveniente algum, desde que a minha filha ou um outro aluno, se aplicasse nos estudos e concluísse o 12.º ano de escolaridade. Porque, com essa idade, penso que esse aluno já será capaz de ser razoavelmente maduro para decidir o seu futuro.

Fizeram ainda várias perguntas, entre as quais esta: Porque se tornou empresário?

Eu respondi:

- Que foi mais por obrigação do que vocação, devido a certas situações vividas no momento.

Também me perguntaram: se pudesse mudaria de profissão ou actividade?

Eu disse-lhes:

- Ao ser patrão, normalmente pode-se sempre mudar de profissão, mas por uma questão de dignidade, respeito e confiança para com os nossos clientes (se a empresa é viável), deveremos manter a nossa empresa ao serviço deles. Sendo assim, não devemos andar sempre a mudar de profissão.

Houve também perguntas um pouco partidário-futebolísticas às quais eu me esquivei razoavelmente e educadamente (penso seu).

Com bastantes perguntas e respostas, quando dêmos conta o tempo tinha voado e chegava-mos ao fim do tempo disponível da entrevista.

Para mim foi uma boa experiência voltar uns bons anos atrás no tempo e ao mesmo tempo viver o presente dos nossos filhos.

Agradeço muito a iniciativa da Srª Drª Cristina Parente.

Continue com outros pais. O meu muito obrigado.

Manuel da Conceição de Almeida e Silva
Encarregado de Educação



Livraria

VENDE E REVENDA

Lameg'arte

Qta. Urbanização do Rabolal - loja 2
(Urbanização do Paraíso)

5100 - 449 LAMEGO

Telef./Fax 254 615 521

Telem. 918 403 263 / 919 438 252 / 917 533 854

E-mail: lamegarte@sapo.pt

ENSINO PRÉ-ESCOLAR
EDUCAÇÃO ESPECIAL
CENTROS DE OCUPAÇÃO DE TEMPOS LIVRES
CRECHES
JARDINS DE INFÂNCIA
ATL

ESCOLAS 1º/2º/3º CICLO, SECUNDÁRIO E UNIVERSIDADES
MATERIAL DE DESGASTE, JOGOS, ETC...

Dizer ... Criar

Um conto de Natal – “Certa Noite Num Estábulo”



Aconteceu *Certa noite, num estábulo*. Acontece todos os anos. Acontece sempre que nós quisermos. Assim, aconteceu também na Escola Secundária / 3 da Sé, em Lamego.

Foi tempo de recordar o nascimento de Jesus e de, novamente, o anunciar. Foi tempo de levar a alunos, professores, funcionários e alguns encarregados de educação essa mensagem de paz, amor e solidariedade que todos conhecemos, mas que tantas vezes esquecemos.

O conto *Certa Noite No Estábulo*, da autoria de Guido Visconti, ilustrado por Alessandra Cimatoribus, foi o desafio proposto pela responsável pela equipa da Biblioteca / Mediateca, professora Lúcia Viegas.

Ao longo de cerca de quatro semanas de trabalho, as turmas A e E do sétimo ano de escolaridade, orientadas e assistidas pelas professoras de Área de Projecto, Maria Hermínia Quintela Oliveira, Educação Visual e Atelier de Artes Plásticas, Maria Eugénia Velloso, Língua Portuguesa, Judite Sousa Maria Amélia Bernardo, e responsável pela equipa da Biblioteca / Mediateca, desenvolveram com entusiasmo, um trabalho, em que várias competências estiveram implicadas:

- Usar adequadamente linguagens das diferentes áreas do saber cultural, científico e tecnológico para se expressar.
- Usar correctamente a língua portuguesa para comunicar de forma adequada e para estruturar pensamento próprio.
- Adoptar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões.
- Cooperar com outros em tarefas e projectos comuns.
- Relacionar harmoniosamente o corpo com o espaço, numa perspectiva pessoal e interpessoal promotora de saúde e da qualidade de vida.

Desde a apresentação do texto aos alunos, passando pela sua compreensão, interpretação e exploração, até à concepção, construção e montagem do cenário, todas as actividades convergiram para a apresentação de uma peça em que os alunos das turmas A e E do sétimo ano de escolaridade puderam mostrar os seus dotes artísticos, concretamente para o teatro (cenografia e representação). Os actores foram muitos, a saber: Alex Santos, Ariana Silva, Filipe Rodrigues, Francisco Torres, Hugo Martins, Joel Carneiro, José Carneiro, Leandro Medeiros, Maria Luísa Rodrigues, Marta Ribeiro, Paulo Silvério e Vânia Roque, todos do 7.º E. Os cenógrafos foram os alunos do 7.º A.

Dizer que todos estão de parabéns é o usual, quando tudo corre bem. No entanto, algo se deve acrescentar: o que era um sonho tornou-se projecto. Uniram-se as vontades, combinaram-se e acertaram-se estratégias, usou-se o tempo de forma útil, soltou-se a criatividade e o projecto realizou-se. Nos dias 16 e 18 deu-se corpo e voz a diversas personagens que mostraram ser possível a bondade e o amor, mesmo quando a solidão e a saudade nos invadem o coração. Apesar das nossas dificuldades e tristezas, podemos e devemos pensar nos outros e agir para os ajudar.

Todos reconheceram esta mensagem. Todos mostraram o seu agrado face ao que acabavam de ver e ouvir. Sem dúvida que palavras como as que a seguir se transcrevem constituem uma recompensa enorme:

“Do que mais gostei foi do gesto de solidariedade dos animais que saíram do estábulo para dar lugar às pessoas”.

“A representação da turma foi muito bem conseguida, destacando-se a vaquinha com um brilhante desempenho”.

“Devia haver mais actividades como esta”.

Estes comentários são um forte incentivo para que estes e outros elementos da nossa comunidade educativa se envolvam / deixem envolver em projectos comuns, criativos e facilitadores da constituição de um cimento que ligue acções e esforços.

Estejam atentos. Vai haver mais!. Também poderá / poderás colaborar! Vamo-nos desprender de receios injustificados e passemos à interacção!

Professora de Língua Portuguesa (7.º E)

Processo de Haber-Bosch e a produção industrial de adubos

Um dos principais problemas da humanidade é conseguir fornecer a todas as pessoas alimentação suficiente e adequada. A produção de alimentos não pode ser só intensificada aumentando a área agrícola: tem também de se melhorar a produção dos solos já cultivados. Desde os tempos pré-históricos que o homem tem procurado melhorar a capacidade produtiva dos terrenos. No início, utilizava adubos naturais como estrume. Mas foi a introdução dos adubos sintetizados industrialmente que permitiu um aumento espectacular da produção agrícola.

Porque precisam as plantas de adubos? O crescimento das plantas é determinado por uma grande variedade de elementos químicos. Os mais importantes desses elementos são os chamados macronutrientes principais: o carbono, o hidrogénio e o oxigénio, disponíveis em grande abundância na água dos solos e na atmosfera e ainda o azoto, o fósforo e o potássio, que são menos abundantes, mas cuja falta limita bastante o crescimento das plantas.

Não é portanto de estranhar que os adubos sejam constituídos por alguns elementos químicos, sendo a maioria dos fertilizantes fabricados a partir do amoníaco.

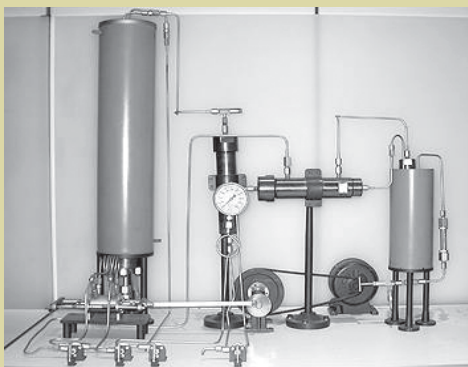
As matérias-primas usadas pelas fábricas de amoníaco são as substâncias elementares: hidrogénio e azoto. As fábricas de amoníaco usam derivados de petróleo e gás natural para obter hidrogénio, podendo também ser obtido pela electrólise da água. Por sua vez, o azoto é extraído directamente do ar, onde é muito abundante.

A matéria-prima necessária para a produção de adubos azotados era obtida, no século XIX, a partir dos depósitos naturais de nitratos de sódio, que existiram principalmente no Chile (os chamados “nitratos do Chile”). Em finais do século XIX, ficou claro que esses depósitos não podiam satisfazer a crescente necessidade de compostos de azoto em todo o mundo. Obter compostos de azoto atmosférico tornou-se, então, um dos principais desafios da investigação química.

Foram o químico Fritz Haber e o engenheiro químico Carl Bosch, ambos de nacionalidade alemã, que se destacaram nesta “corrida”, o que lhes valeu a atribuição do prémio Nobel da Química.

Em 1909, Fritz Haber conseguiu produzir 100g de amoníaco, desenvolvendo um dos processos mais importantes da síntese industrial, o processo de Haber, o qual visa produzir amoníaco por reacção de azoto com hidrogénio. A reacção é reversível e exotérmica, de forma que a formação de uma grande quantidade de amoníaco é favorecida por temperaturas baixas. No entanto, a velocidade da reacção seria demasiado baixa para que se alcançasse o equilíbrio a temperaturas normais. Assim, uma temperatura de cerca de 450 °C é óptima, usando um catalisador (substância que acelera as reacções químicas sem se consumir nelas) de ferro contendo óxido de alumínio e de potássio. Utiliza-se normalmente uma pressão de cerca de 250 atmosferas.

Este processo é muito importante para a fixação de azoto destinado a fertilizantes. Mas foi o engenheiro Carl Bosch, que se especializou em química industrial, que se preocupou em otimizar e dar dimensão ao protótipo de



Haber, tendo para isso desenvolvido processos de alta tensão, em que a matéria-prima (gás de síntese) é obtida por vaporização de gás natural reciclado.

Daí a designação dupla de processo de Haber-Bosch.

De início, a investigação e o desenvolvimento relativos à produção de amoníaco tinham em vista, principalmente, a obtenção de fertilizantes. Contudo, o desencadear da Primeira Guerra Mundial canalizou a produção de amoníaco para o fabrico de explosivos. A eficácia do processo de Haber-Bosch foi até um dos motivos que encorajou os responsáveis alemães a entrarem na guerra. Durante o conflito, Haber chefiou o Departamento de Armamento Químico alemão, tendo mesmo dirigido o primeiro ataque com gás cloro que teve lugar em Ypres, França. Atendendo aos horrores dessa “guerra química”, não admira que ele tenha sido mais tarde um criminoso de guerra.

Bibliografia:

- Internet: www.google.pt; www.projectos.TE.pt/links.
- Dicionário 2002; DVD-ROM, Porto Editora
- Livros: Paiva, João; e outros, 11Q-Química 11º Ano, Texto Editores

*Trabalho realizado por:
Catarina João n.º2 11ªA
Patrícia Almeida n.º10 11ªA*



VIOLENCIA DOMÉSTICA

Nós hoje, ao olharmos para a televisão, os jornais e as revistas, verificamos que a violência é um tema muito abordado.

A nível estatístico, em Portugal, tem vindo a aumentar o número de casos de violência doméstica nos últimos anos.

A mulher é a que mais sofre com esta situação. Registam-se mesmo casos de morte e de tortura psicológica.

As mulheres têm os mesmos direitos que os homens, não é por serem de outro sexo que não devem ser respeitadas.

Na nossa opinião, a justiça deveria ser mais rígida para quem comete esses crimes.

Todos juntos podemos contribuir para pôr um travão à violência doméstica, através de processos como:

- A denúncia.
- A propaganda de informação e alerta junto das várias camadas populacionais.

A violência não traz benefícios para o agregado familiar, pelo contrário, destrói o bom entendimento que sempre deve existir entre as pessoas que o constituem.

Vamos indicar - vos alguns conselhos para combater a violência doméstica.

1. Se está zangado com alguém, tente pedir perdão e prometer que não volta a zangar-se.

2. Se namora ou é casado(a) não permita que o amor que sente pela sua carmetade seja assassinado pela traição.

3. Se está nervoso saia de casa para ir apanhar ar fresco.

4. Para um bom entendimento é preciso um bom diálogo.

*Duarte Caetano 9.º B - n.º8
Tiago Cristiano 9.º B - n.º26*

Coisas e Loisas

Programa Sócrates – Acção Comenius 1

Novo Ano, Novas Experiências A Nossa Oportunidade

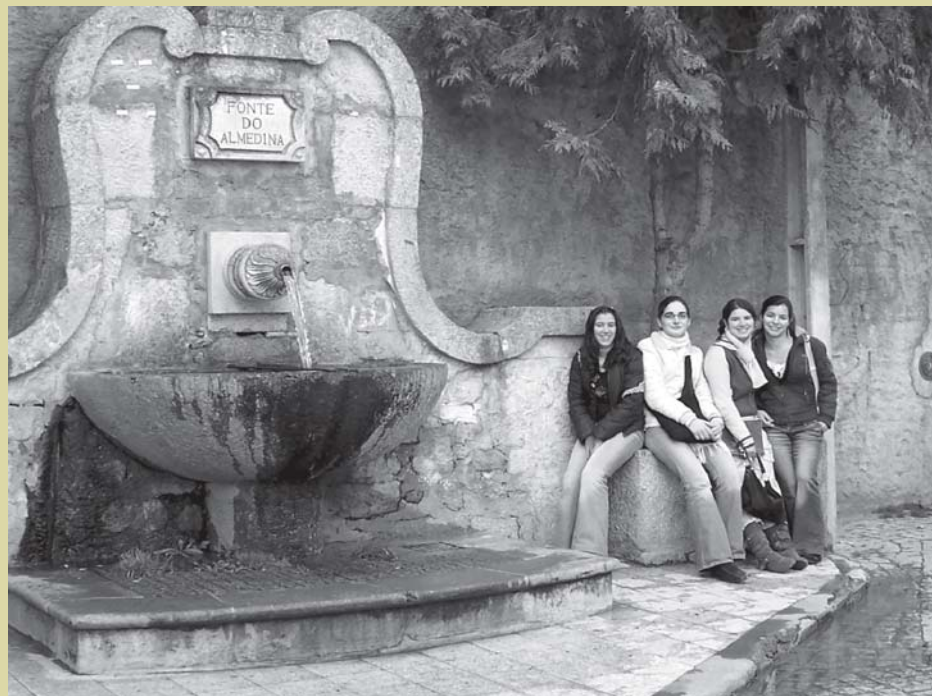
Programa Sócrates – Comenius 1

Estamos a trabalhar num projecto que vai já no segundo ano e contribui para o alargamento dos nossos horizontes e enriquecimento dos nossos saberes. É um projecto muito interessante, não só pela possibilidade de intercâmbio entre os países parceiros, mas também pelo contacto com novas culturas, línguas diferentes e sobretudo uma realidade que nada tem a ver com a nossa. É uma oportunidade única e fantástica. A experiência da viagem dos nossos colegas à Dinamarca, no ano passado, serviu como um incentivo ao prosseguimento do projecto.

Estamos a realizar um trabalho que visa dar a conhecer aos parceiros aquilo que nos rodeia, um pouco da nossa cultura e património.

“A cidade e a água” é o tema comum a todas as escolas envolvidas. Temos andado a recolher imagens das fontes da cidade, dos rios e ribeiros que a atravessam e a procurar documentação escrita. O resultado das nossas pesquisas vai ser apresentado em Abril, durante a visita à escola parceira polaca, em Rzeszow. Vamos ter a recompensa pelo esforço: poderemos estar em contacto directo com a realidade polaca, rever os colegas que nos visitaram em Junho do ano passado e conhecer outros.

Vamos dando notícias!



Ana, Carina, Cláudia, Diana - 12.º D

Boa/Má Escolha



Vou contar uma história que não tem nada de encanto, nada de fantasia, ao contrário das histórias vulgares. Devo dizer, até, que é muito real.

Nasci na aldeia e muito novo rumei à cidade com os meus pais e irmãos, pois a vida na aldeia era muito difícil.

Cheguei lá muito pequeno e ainda não tinha bem a noção das diferenças. Porém, conforme fui crescendo, fui sentindo a necessidade de me mostrar adulto, coisa que não era, mas que queria ser... Então, comecei a ficar muito rebelde e a entrar por caminhos muito complicados, pois o meu intuito era conseguir inserir-me no grupo dos jovens mais velhos que saíam à noite, fumavam, bebiam, faziam o que lhes “dava na telha”. Para mim, isso significava ser adulto... Como eu estava enganado!!

Comecei a tornar-me ainda mais rebelde com todos, principalmente com os

meus pais que sofriam ao ver-me cair nas tentações da vida, que sofriam ao ver-me desistir dos estudos, que sofriam ao ver-me fumar, beber, sair sem ordem deles, discutir com eles e, acima de tudo, sofriam imenso quando me tentavam alertar para os perigos da vida e as consequências das minhas escolhas, das minhas más escolhas.

Depois de tudo isto, e de muito sofrer por minha culpa, entrei no mundo do crime e das drogas, acabando por vir parar à cadeia, acabando por destruir a minha vida, a dos meus pais, da minha namorada, dos meus filhos... Isto tudo porquê?! Tudo porque fiz as piores escolhas da minha vida, não adiantaram os avisos dos meus pais, nem do resto dos meus familiares, inclusivamente dos verdadeiros amigos...

Peço a quem tiver curiosidade de ler este texto que tente reflectir acerca do mesmo, pois isto pode acontecer a muitos adolescentes. A adolescência é a fase mais importante das nossas vidas... Não pensem que desobedecer aos vossos pais ou andar de cigarro na boca vos torna mais homens e mulheres... A única coisa que vos pode tornar adultos é o vosso bom senso e a maturidade suficientes para verdes o que está bem e o que está mal. PONDEREM BEM AS VOSSAS ESCOLHAS, POIS SÃO PARA TODA A VIDA!...

A.Couto, 3.º ciclo do ER por Unidades
Capitalizáveis
Janeiro de 2006



O POETA SOU EU

Quando de madrugada
A mãe me chama,
Eu ainda sonho
Volto-me na cama.

Estico uma perna,
A seguir um braço,
Abro a boca
Pareço um palhaço.

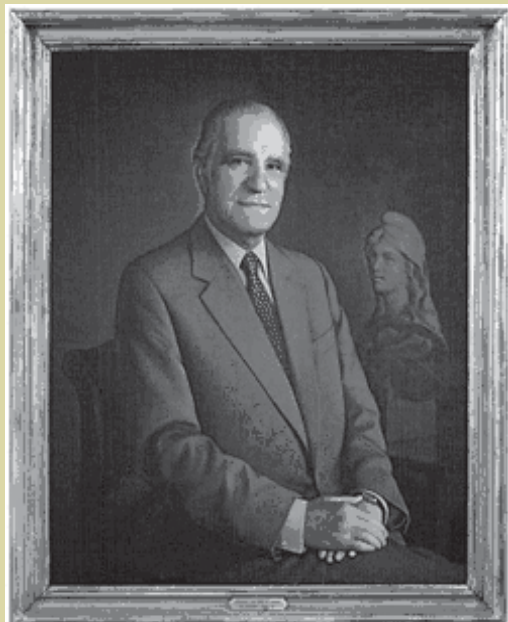
Mas logo desperto,
Ao abrir a janela
O sol a brilhar...
Salto para o chão
E começo a cantar!

Eu vou para a Escola
Para aprender,
Pego na sacola
E ponho-me a correr!

Ana Margarida da Costa Amorim
9.º D - n.º 3

Falar a Sério

Dr. Fernando Amaral na Escola Secundária/3 da Sé



Natural de Lamego e licenciado em Direito, Fernando Monteiro do Amaral foi Vereador da Câmara Municipal de Lamego, Presidente da Assembleia Municipal e Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lamego.

Exerceu funções de Deputado à Assembleia Constituinte e de Deputado à Assembleia da República em diferentes Legislaturas. Ocupou a pasta da Administração Interna e foi posteriormente Ministro-Adjunto do Primeiro-Ministro, nos 7.º e 8.º Governos, respectivamente.

Exerceu as funções de Vice-Presidente e Presidente da Assembleia da República.

Entre 1985 e 1987 foi designado para o cargo de Conselheiro de Estado. Nos dois anos seguintes foi Deputado à Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, da qual foi também Vice-Presidente.

Foi condecorado com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo.

Esta personalidade de currículo invejável deu-nos o privilégio no dia 14 de Fevereiro de 2006, visitar a Escola Secundária/3 da Sé para proferir uma palestra sobre "A Importância da Retórica na Democracia".

Tal tema, no parecer do palestrante, contém aspectos positivos e negativos. Por retórica pode entender-se a "arte de bem falar em público com o intuito de persuadir o auditório", e, na perspectiva do Dr. Fernando Amaral, esta "arte de bem falar" pode mostrar-se redutora, quando o orador usa ilegitimamente a "palavra", muitas vezes para conquistar a atenção do auditório, e, nesta faceta retórica, passa por ser, um método de discursar enganador, manipulador, que visa iludir o auditório. Este sentido depreciativo da retórica é muitas vezes usado na política, na divulgação de ideologias e na publicidade.

Actualmente em Portugal vivemos num Estado de Direito Democrático, em que a Democracia constitui a forma através da qual os cidadãos participam na vida política. A democracia divide-se em três géneros: direita, semi-direita e representativa. Temos uma democracia representativa na qual os cidadãos elegem os seus representantes que tomam decisões em seu nome.

Da conexão entre Democracia e Retórica podem aparecer vários problemas e, assim, por vezes, os detentores do poder político, para fazerem valer os seus ideais, usam e abusam de retórica com o objectivo de serem bem sucedidos. Por outro lado, o uso excessivo da retórica pode levar a que (in)conscientemente os seus cultivadores ataquem os princípios da democracia e do estado de direito.

O Sr. Dr. Fernando Amaral também comentou e valorizou o crescente poder das mulheres na sociedade e na retórica, citando como exemplo a Primeira-Ministra Inglesa do século XX, Margaret Thatcher, chamada "A Dama de Ferro".

Por último, o Sr. Dr. Fernando Amaral, salientando o papel da mulher na sociedade actual, proferiu, com o humor que lhe é peculiar, a célebre frase popular: "Por mais que os galos cantem são as galinhas que põem os ovos".

Esta palestra foi muito gratificante para nós, pois não é todos os dias que a nossa escola tem o privilégio de receber uma notável figura de Lamego e da democracia Portuguesa.

*Trabalho realizado pelos alunos:
Catarina João nº 2, Hugo Baptista nº6,
Patrícia Almeida nº10, Rui Fernandes
nº14 e Gustavo Lopes nº18, do 11ªA*

CLUBE DE DANÇA E ACTIVIDADES GÍMNICAS



No início do 2º período do ano lectivo 2005/2006, o **Clube de Dança e Actividades Gímnicas** da nossa Escola abriu as suas portas a todos os alunos que gostam de dançar ou praticar qualquer actividade gímica.

Durante duas horas por semana os alunos podem experimentar e exercitar diversos estilos de dança e algumas actividades gímnicas, tais como a ginástica acrobática e a ginástica de solo. Na vertente da dança, além de todo o aspecto social que é desenvolvido pelo convívio saudável entre todos, é possível praticar desde o "hip hop" às danças latinas, passando também por um pouco de aeróbica ou, mesmo, pelo "breakdance".

Este clube tem como principais objectivos:

- Fomentar o gosto nos alunos pela dança e pelas actividades gímnicas.
- Mostrar o trabalho desenvolvido à comunidade escolar, quer participando nas actividades organizadas pela Escola, quer também fora desta.

Se gostas de dançar ou praticar ginástica aparece!

Hora e local: ginásio, 5ª e 6ª feiras, das 12.25h às 13.10h

Professora Daniela Matos
(Professora responsável pelo projecto)

 **Dourocom**
Consultoria Informática
www.dourocom.com

 **Parceiro**
ValorAcreditado**PHC**

Visite-nos e descubra as melhores marcas e os melhores preços!

- Computadores
- Portáteis
- Impressoras
- Fotografia
- Periféricos
- Componentes
- Consumíveis
- Cabos e adaptadores
- Software (Software Próprio)
- Assistência Domiciliar

Urb. Qtº do Rabolal, Bloco 3, Loja C
Apartado 209-5100 Lamego
Tel: 254611200 Fax: 254611202 Móvel: 917566405
Email: dourocom@gmail.com



TSUNAMI

ASUS



Falar a Sério

Comportamentos Desviantes - Consequências de crescer num vazio de afectos?!



Falar de comportamentos desviantes é fazer referência a um conjunto de actos e atitudes que perturbam o próprio e/ou os outros, considerados perigosos e, muitas vezes ilegais. Tomemos, como exemplo, o consumo de drogas, a mentira, o roubo, as relações sexuais desprotegidas, etc. A maior parte destes comportamentos que surgem como desvio ao desenvolvimento normal, tem como principal causa a ausência de afectos. A desestruturação afectiva e emocional das famílias pode ter sequelas irreversíveis, principalmente se falarmos de famílias e de gerações que nasceram e cresceram com valores contrários áqueles que estão

instituídos na sociedade. Por outro lado, é com facilidade que associamos o início destes comportamentos de risco á adolescência, havendo uma estreita relação entre esta e a transgressão.

Etapas fundamentais da adolescência como a reorganização da relação com os pais, dominada por um duplo desafio (a angústia da separação e a conquista da autonomia), o desenvolver e adquirir novas formas de socialização com o grupo de pares, etc., conduzem o adolescente á procura de limites, que tantas vezes levam á transgressão, apenas como afirmação de individualidade e identidade.

Segundo alguns autores, o aparecimento destes comportamentos desviantes, é em maior número entre populações desfavorecidas e étnicamente minoritárias como resultado do enfraquecimento institucional, dos factores tradicionais de socialização e do deficiente processo de integração. Mas de acordo com outros dados mais do que as condições sócio-económicas, a falta de interacção entre pais e filhos, a existência de familiares com história de psicopatologia e os problemas escolares são determinantes para a promoção de comportamentos desviantes nos jovens.

Como padrão comum á maioria destes jovens, aparecem histórias de vazio afectivo, de abandono e negligência desde a primeira

infância, de padrões de socialização demasiado autoritários ou totalmente permissivos. É neste contexto que aparecem os primeiros comportamentos problemáticos que no início não passam de chamadas de atenção aos pais ou professores, de pedidos mascarados de ajuda para o mal-estar interior que estão a vivenciar.

A expressão “crescer vazio” (strecht, 1997) é a que melhor descreve este vazio de afectos e emoções. E nestas histórias de “zé ninguém”, o grupo assume ainda um papel mais importante, aparece para dar resposta á necessidade de pertença, confere identidade, cria regras e limites, mas também condiciona comportamentos, tais como o roubo, o consumo de drogas, o absentismo e abandono escolar, etc. A aprendizagem surge por imitação e moldagem, mas na direcção errada! Nesta caminhada, a estruturação da personalidade desenvolve-se com muitos desvios e lacunas e compromete o desenvolvimento harmonioso das competências sociais e cognitivas, pondo em causa a integridade do futuro adulto que se está a formar.

Dr.^a Maria Filomena Viegas
Delegada de Saúde

Biblioteca - Vivências Partilhadas



Desde há alguns anos desempenhamos as nossas funções, como auxiliares da acção educativa, na biblioteca/mediateca da escola da Sé, onde somos frequentemente confrontadas com diversas situações, que vão da indicação/ajuda do livro que aborda este ou aquele assunto, á sua requisição, bem como, na mediateca, o apoio na orientação dos utilizadores para os sites mais adequados á pesquisa do assunto em estudo. Chegamos mesmo a gravar alguns trabalhos nas disquetes, quer quando alguma anomalia acontece na hora do trabalho, ou se a pesquisa demorou mais tempo do que o previsto e a próxima aula já espreita.

A nossa ajuda é já, para muitos alunos, considerada certa, pelo que recorrem solicitando-nos que os apoiemos em situações diversas como a falta de folhas brancas, lápis, borrachas, régua, cola e até marcadores. A tudo procuramos responder afirmativamente, desde que estejamos devidamente fornecidas.

A confiança e amizade que os alunos por nós parecem nutrir, leva-os a pedir-nos ajuda na elaboração dos trabalhos de casa e até no esclarecimento de algumas dúvidas para as quais, por vezes, não estamos habilitadas, pelo que, de imediato, os encaminhamos para os docentes que se encontram na biblioteca á sua disposição.

A timidez e o receio inicial de interpelar os professores começou a dissipar-se e as dúvidas são esclarecidas. No decurso do tempo vamos verificando que, neste espaço, a postura dos alunos tem vindo a ser mais responsável, quer no que respeita ao seu comportamento na realização de tarefas, quer no gosto que demonstram na leitura de obras juvenis, romances, poesia, contos, revistas, jornais e, sempre que possível, acompanhadas da boa música aqui requisitada. Verificamos, contudo, um ou outro momento de instabilidade, fruto do afluxo simultâneo de uma ou duas turmas. A maioria dos utilizadores já olha para este local como um lugar de estudo, silêncio e interesse, pela variedade de livros e documentos que aí podem encontrar, bem como um lugar agradável para se relaxarem da agitação das actividades escolares.

Finalizando, gostaríamos de aqui testemunhar quanto nos apraz e sensibiliza o facto de nos sentirmos, para alguns alunos, confidentes de alguns dos seus problemas pessoais e de alguns dilemas com que se debatem, esperando ouvir um conselho ou uma proposta de solução. E sentimo-nos gratificadas quando, já fora da escola, no seu percurso de vida: na faculdade, no mundo do trabalho (dentro ou fora do país), nos visitam com saudades do tempo passado, reconhecendo então tudo o que de bom lhes foi transmitido.

Vera Oliveira e Branca Bastos



O POETA SOU EU

De futuro tenho em vista
Uma decente formatura,
Se me desviar desta pista
A vida será mais dura.

Portugal é um jardim
À beira-mar plantado,
Os campos de Ferreirim
São tapetes com relvado.

Para o Ensino Superior
É meu desejo entrar,
Meus pais fazem-me o favor
De tudo o que é bom me dar.

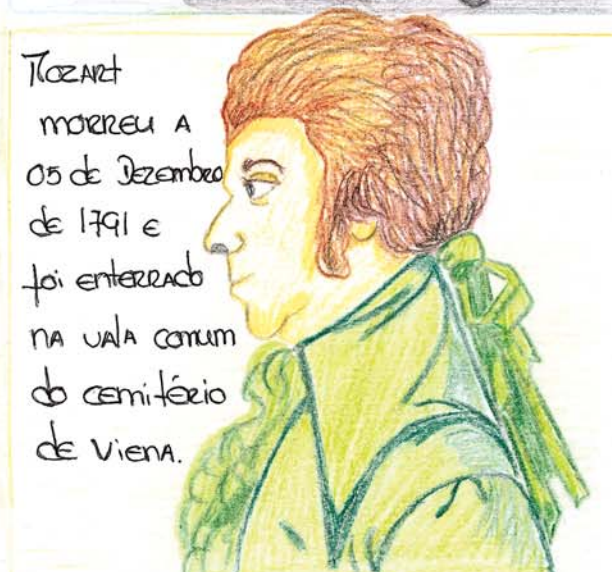
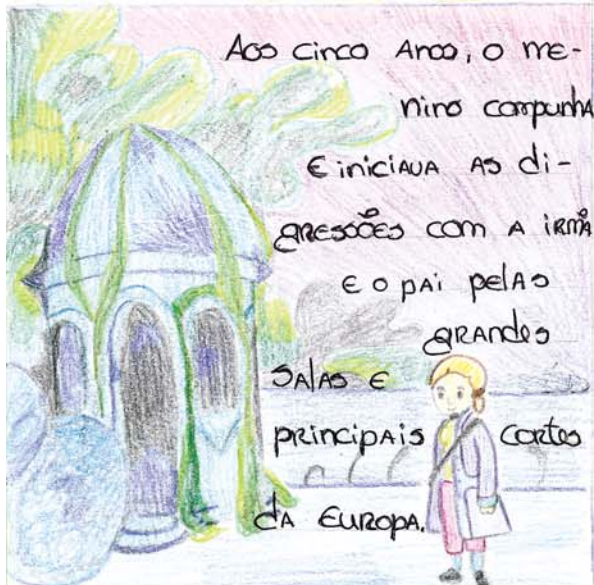
Delfina Pereira
9.º D - n.º 7

Passatempos / Curiosidades



DESCUBRA AS DIFERENÇAS

Descubra as 8 diferenças entre estas 2 imagens.



SUDOKU COLORIDO

Preencha as casa vazias com algarismos de 1 a 9 de forma a que o mesmo número não se repita em cada linha, coluna e quadrado

6	2				1			
					5		1	
	5		6	9			2	3
	4	8		3		9		
		6		8		7	3	
2	1			6	4		7	
	3		9					
			7				9	8

Grau de dificuldade: **FÁCIL**

Quantos erros existem no seguinte texto?

Francisco e Leonor chegaram atrasados ao apartamento da Joana, que lhes prometera uma surpresa. Ficaram ambos boqueabertos quando olharam para a mezinha do quarto e viram uma consola de jogos eletrónicos novinha em folha, com um aspecto reluzente e sedutor. O rapaz estava visivelmente fascinado e derrepente desatou a carregar em todos os botões. Joana protestou:

- Quico, não faças isso, que me estragas a consola! Só a tenho à uma semana. Oh mãe, venha cá depressa!

Joana parecia furiosa. Era uma rapariga irascível e amoava com facilidade. Perante a birra da anfitriã e a indiferença do amigo, cada vez mais absorto no jogo, Leonor encolheu os ombros, sorriu e disse a meia voz, tranquilamente:

- Vou à dispensa ver se há chocolates. Estou com vontade de comer uma goloseima qualquer...

As soluções dos passatempos encontram-se na Internet no site <http://esslamego.prof2000.pt>, no link Biblioteca

EA ESCOLA ABERTA



Escola Secundária/3 da Sé - Lamego
Quinta da Cerca
5100 Lamego
Tel.: 254 600280
Fax: 254 615079
esec3se.lamego@mail.telepac.pt
www.prof2000.pt/users/esslamego